

PEDRO JOSÉ FERREIRA ARAGÃO

Trabalho de Monografia apresentada ao programa. Graduação e pesquisa em Licenciatura Plena em Filosofia – FAERPI/FEST- Filemom Escola Superior De Teologia, em cumprimento às exigências do grau de Gradualista.

Orientador
Hector Ruiz

ESPIRÍTO SANTO
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catologação da Publicação

FEST- Filemom Escola Superior de Teologia

ARAGÃO; Pedro José Ferreira

O tempo: Segundo Agostinho de Hipona. Pedro José Ferreira Aragão; Orientador Prof. Hector Ruiz. Espírito Santo, 2014. 24p.

Monografia (Graduação)– Filemom escola Superior de Teologia-Programa de Graduação Latu Sensu
2014.

Nome: ARAGÃO; Pedro José Ferreira

Título: O Tempo: Segundo Agostinho de Hipona

Monografia apresentada à Filemom Escola Superior de Teologia para obtenção do Diploma em Licenciatura em Filosofia.

Data da Aprovação: ____ / ____ /2014

Banca Examinadora:

.....
Prof. Hector Ruiz

.....
Prof.

Nota Final: _____

ESPIRÍTO SANTO
2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido a graça do dom da vida.

Aos meus pais por terem sido canal nas mãos de Deus para me concederem a vida, pelo apoio, por sempre se fazerem presente em minha vida.

A minha linda esposa Tuânia Ingrid dos Anjos Aragão, pelo apoio, ter mim ajudado em muitas duvidas e orações.

Ao meu orientador, Hector Ruiz que tem me acompanhado durante este trabalho monográfico com muita dedicação.

A Filemom Escola Superir de Teologia por ter mim concedido a graça de conclusão de Licenciatura pelo MEC obtendo um a diplomação valida.

“Pois ser mestre é isso: ensinar a felicidade.”
(Rubem Alves)

RESUMO

ARAGÃO, PEDRO JOSÉ FERREIRA (2014). **O TEMPO: SEGUNDO AGOSTINHO DE HIPONA.**

“O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não o sei.” (Confissões – Agostinho, Livro XI). A pergunta sobre o tempo não é fácil. Pode parecer, mas não é. De fato, não há como defender que eles existem realmente, pois o passado já não existe mais, e o futuro ainda não existe. Como, então, medimos o tempo? Não podemos nem mesmo dizer que o passado foi longo, pois não há o que possa ter sido longo, já que ele não existe no momento em que o dizemos. Contudo, apesar do problema, percebemos os intervalos de tempos, e os comparamos entre si, medindo-os. Mas como fazemos isso? Não é possível medir o que não existe, logo, não se pode medir o passado e o futuro. E o presente não tem duração, não podendo, também, ser medido. A solução de Agostinho para o problema é engenhosa e totalmente inovadora. Ele diz o seguinte: o passado e o futuro só existem no presente. Pois o passado existe como lembrança do que já foi, e o futuro existe como antecipação do que será. É desse modo que medimos o tempo. À pergunta “com que meço eu o tempo”, Agostinho responde: com meu espírito. Em suma, podemos ver, com isso, que Agostinho foi um filósofo extremamente rigoroso em seu raciocínio, e frutífero em vários âmbitos.

Palavras-chave: Tempo; Passado; Presente; Futuro.

ABSTRACT

ARAGÃO, PEDRO JOSÉ FERREIRA (2014). **TIME: ACCORDING Augustine of Hippo.**

"What is therefore the time? If anyone ask mo, I know; if you want to explain to those who do me the question, I know not "(Confessions - Augustine, Book XI).. The question of time is not easy. May seem, but it is not. In fact, there's no arguing that they actually exist, because the past no longer exists and the future does not yet exist. How then do we measure time? We can not even say that the past was long, because there's nothing that could have been

long, since it does not exist at the time that we say. However, despite the problems, we perceive intervals of time, and compare them to each other, measuring them. But how do we do that? You can not measure what does not exist, so you can not measure the past and the future. And the present has no duration, there may also be measured. Augustine's solution to the problem is ingenious and totally innovative. He says the following: the past and the future exist only in the present. For the past exists as a reminder of what once was, and the future exists as anticipation of what will be. This is how we measure time. To the question "how do I measure the time I", Augustine replies to my spirit. In short, we can see, therefore, that Augustine was an extremely rigorous in their thinking, and fruitful in various fields philosopher.

Keywords: time; past; this; Future

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 EM DEUS, SE CONHECE A ETERNIDADE.....	10
2.1 EM DEUS, SE CONHECE TUDO.....	10
2.2 EM DEUS, SE CONHECE A ETERNIDADE COMO PARTE DA ESSÊNCIA DE DEUS.....	10
2.3 A ETERNIDADE ESTÁ NA VONTADE DE DEUS, E NÃO NAS CRIATURAS.....	11
2.4 A MEDIDA DA ETERNIDADE.....	13
2.5 ETERNIDADE E A CRIAÇÃO.....	14
2.6 A CRIAÇÃO SUJEITA AO TEMPO.....	15
3 O TEMPO É INTERIOR AO HOMEM.....	16
3.1 O TEMPO COMO CRIATURA TEMPORAL DE DEUS.....	16
3.2 O TEMPO COMO ESSÊNCIA HUMANA.....	19
4 TEMPO: A SEQÜENCIALIZAÇÃO DO SER.....	20
4.1 O SER DO TEMPO.....	21
4.2 O SER DO PASSADO E DO FUTURO.....	22
4.3 O SER DO PRESENTE.....	23

4.4 AS DIMENSÕES DO TEMPO.....	24
4.5 A MEDIDA DO TEMPO.....	25
5 A ESSÊNCIA DO TEMPO.....	28
5.1 O QUE É O TEMPO?.....	28
5.2 O TEMPO E O ESPÍRITO.....	31
6 CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

“Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (AGOSTINHO, 2000, p. 322).

É de fato muito empolgante quando se trata a passagem do homem neste mundo. Foram muitas as indagações e os questionamentos quanto a isso. Pode-se até afirmar que não foram poucas as teses defendidas por grandes filósofos, entre eles, Agostinho de Hipona pertencente à escola patrística.

Todos os debates que o norteiam surgiram quando tratava sobre a vida humana. Esta vida consiste e existe em um espaço de tempo que tem continuidade, onde o vivenciar novidades no campo da experiência, deve produzir no homem a percepção do movimento, ou melhor, sensação de que algo está a passar.

Podemos perceber que o homem, é capaz de se apaixonar pela vida e se deixa guiar para o fim último, Deus; sendo crente que se é capaz de chegar a uma plena realização, quando se busca pela própria percepção e interioridade do ser e tem capacidade ao que de fato seja o tempo.

Para se caminhar no rastro de Agostinho em busca de sua ótica sobre o tempo é necessário permitir e deixar-se enveredar em um passeio pelo subjetivismo e pela interioridade. O homem não deve ser visto como uma mera estrutura ou coisa a ser estudada, mas uma pessoa, sendo dotado de natureza racional e individualidade, que envolve a si próprio.

Portanto, no caminho que se vai seguir, haverá uma continuidade e sempre será necessário, um retorno a alguns subtemas já vistos, pois um é base do outro, talvez como uma ordem, um dependente do outro.

No que se refere à existência da eternidade, se passará pela via do tempo até chegar e se desembarcar na mais profunda intimidade do homem, tendo certeza que há um tempo quase inevitável; e o questionamento preocupante sobre a probabilidade da existência das histórias e da profecia. Até que se possa verdadeiramente firmar naquilo de existência verídica.

2 EM DEUS, SE CONHECE A ETERNIDADE

2.1 EM DEUS, SE CONHECE TUDO

A intenção de Agostinho no princípio de sua exposição a respeito do tempo, que tem como ponto de partida o conceito de eternidade, parece ter o propósito de criar uma base que funcione como fundamento ao seu conceito de tempo.

Todo o pensamento e estrutura lógica de Agostinho giram em torno da sua segurança de que Deus é Criador e criou o mundo para que o mesmo se unisse Nele. Ele afirma que Deus é o princípio de tudo “e deduz que Deus criou o mundo do nada, segundo as idéias-arquétipos que se encontram no Logos, o Filho de Deus”.

(MONDIN, 2008, p. 153-154). Segundo o Evangelho de João: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”. (Jo 1,1. p. 1842).

Com isso, Agostinho quer dizer que para se obter a compreensão do mundo tem-se que, ou deve-se ter como ponto de partida a compreensão do Criador, em seguida a compreensão do criado que deve começar do interior do homem. E é então que o homem, na sua íntima busca interior consigo mesmo, se colocará de frente com o seu Criador e Nele acaba se encontrando. “Criastes-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousa em Vós” (AGOSTINHO, 2000, p. 37).

2.2 EM DEUS, SE CONHECE A ETERNIDADE COMO PARTE DA ESSÊNCIA DE DEUS

“Deus é criador e verdade de todas as criaturas” (AMADO, 1993, p. 83), tudo foi criado por Ele e para Ele. Em Deus jamais se encontrarão imperfeições ou movimento, pois Ele é imutável, eterno e perfeíssimo: “Vós, pois Senhor que não sois umas vezes uma coisa, e outras outra, mas o mesmo, o mesmo, sempre o mesmo, o Santo, Santo, Santo, o Senhor” (*ibid*, 2000, p. 346).

Todo o seu ser é, por isso que em Deus há uma plena e completa realização. Em Deus há apenas Ser e não pode haver devir: “Precedeis, porém, todo passado, alteando-Vos sobre ele com vossa eternidade sempre presente”. (*ibid*, 2000, p. 321).

Por isso diz-se que Deus é eterno, não tem princípio nem fim é imutável e incessante e, portanto, se conhece a sua eternidade como parte da sua essência: “Vós, pelo contrário, permaneceis sempre o mesmo, e os vossos anos não morrem” (*ibid*, p. 341).

Uma vez convicto de que Deus é eterno, ainda é necessário saber mais sobre este assunto fazendo a pergunta: O que é a eternidade? Como Deus é eterno?

Agostinho distingue e diz que a eternidade não é o mesmo que o tempo dilatável, mas simultâneo a todas as coisas.

Compreenderá então que a duração do tempo só será longa, se não se compuser de muitos movimentos passageiros. Ora, estes não podem alongar-se simultaneamente. Na eternidade ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. (*ibid*, p. 319-20).

Ao iniciar sua definição, o bispo de Hipona deixa explícito que eterno é apenas aquilo que não está sujeito a mudanças. Nada finito poderá incluir-se nesta conjectura. Apenas Deus é eterno, pois a eternidade encontra-se como parte de sua essência, logo, o tempo jamais poderá medir a eternidade.

2.3 A ETERNIDADE ESTÁ NA VONTADE DE DEUS, E NÃO NAS CRIATURAS

Quando se fala de eternidade como coisa simultânea temos um problema, pois sendo Deus eterno, nada poderemos acrescentar Nele, porque há risco de não existir a eternidade (que é o berço do tempo), nisso se afirma que é simultânea[1], se dará quando realizar-se qualquer ato da criação que há mudança na divindade, porém, isto é impossível ao eterno.

Diante do problema há também uma solução: “Mas o desígnio de Iahweh permanece para sempre, os projetos de seu coração, de geração em geração” (Sl 33,11. p. 895).

Com isso se pode dizer que a vontade de Deus não é uma coisa mutável, pois se fosse não poderia ser imortal. A eternidade está na vontade de Deus, não na vontade do criado. Assim como toda a volição de Deus é eterna, ou seja, descansa (no sentido de repousar) na eternidade, são eternos também todos os atos divinos. Por sua vez, a eternidade da vontade não supõe consideração temporal, mas lógica. Sendo assim, o conceito de tudo, existiu na mente de Deus desde a eternidade e este conceito se encontra em ordem lógica e não meramente no tempo.

Se tudo foi criado por Deus e a volição de criar as coisas é eterna, se poderia então dizer que a criação também é eterna? O bispo de Hipona diz que não, pois tal afirmação segue a vontade de Deus e não a vontade das coisas criadas, porque não nos é obrigado nem muito menos correto dizer que a coisa criada toma parte com Deus na sua eternidade, pois o criado por Deus só apresenta-se no instante que é indicado pela vontade Dele. Na obra (*De Genesi contra Manichaeos*, liv.I. cap.2.). Agostinho trata esse mesmo assunto e afirma: A criação não foi *ab aeterno*. (Desde a eternidade). Deus criou livremente, por um ato eterno de volição. As idéias das coisas existem na Inteligência Divina desde toda eternidade. Porém, os termos ou objetos que Deus quer produzir só aparecem no momento determinado pela sua vontade.

Logo, a vontade de Deus não é o existir das coisas, mas o desejo de que existam as coisas. Só depois de criadas é que existirão. Fora dessa premissa, são eternamente queridas, porém não preexistiam à criação. Por mais que os entes contingentes[2] desejem ou desejarem que em sua volição se encontre, ou esteja também na eternidade, não conseguirão alcançar tamanha conquista, mesmo que se auto-afirmem serem deuses ou semideuses como muitos já afirmaram. A eternidade é um dos atributos que dizem respeito somente a Deus e a mais ninguém.

2.4 A MEDIDA DA ETERNIDADE

Deus é eterno e por menor que seja a mudança, a sua eternidade em sua infinitude não está sujeita a tal mudança, porém é necessário definir melhor a eternidade, mas como a definir? Com que compará-la ou medi-la?

Para Agostinho, tal medição parece deixá-lo um pouco preocupado, pois, são muitos os filósofos, ou até teólogos que afirmam que a eternidade passa por um círculo do devir, onde a vida se dá num círculo vicioso, sendo um tempo jogado a infinitude e unido com a imortalidade. O Ser divino, e Eterno, seria no tempo e não fora do tempo.

Agostinho entende que tudo isso é algo incansável, pois a eternidade permaneceria sendo tempo, sem muito distinguir a criatura do Criador, portanto, em prece dizia a Deus, em outras palavras, quem além dele afirmaria tais coisas. Talvez, ainda não teria Agostinho, compreendido o que o Criador teria realizado Nele e por Ele.

Ele muito se esforçara para saborear coisas eternas, mas o seu pensamento voltava sempre atrás [razões seminais], virtualidades que foram impressas por Deus no ato da criação. Para ele, a desenvoltura de tais razões se deve à atividade das criaturas. “Sendo

Deus eterno, ou seja, transcendente ao tempo, e nós outros temporais, é-nos impossível resolver o problema das relações entre o tempo e a eternidade”. (GILSON, Etienne. 2003, p. 172).

Philotheus e Etienne, ao formularem o raciocínio acima, compreendem a preocupação de Agostinho sobre o problema da medição da eternidade segundo o pensamento do bispo de Hipona e reconhecem dizendo ser algo impossibilitado de tal compreensão.

Os gregos, que “consideram o tempo como ordem mensurável do movimento” (ABBAGNANO, 2007, p. 1111), expressam a eternidade simplesmente como algo durável infinitamente no tempo. Porém, hoje se compreende, segundo o pensamento do filho de Hipona, que não se pode medir ou comparar a eternidade ao tempo, porque se o tempo é movimento, na eternidade não há movimento.

Nesta linha de raciocínio surge outro problema: tendo Deus criado o mundo é errado dizer que algo que não está Nele, que já existia antes do ato criador. Então o que Deus se encontrava fazendo antes da criação? Para Agostinho é uma pergunta absurda depois que se sabe que a eternidade não é algum tempo dilatado, mas um presente que será eterno. “O tempo é um *nunc transiens* (um agora que passa). A eternidade é um presente que não passa *um nunc stans* (um agora presente)” (MONDIN, 2008, p. 1540).

Portanto, percebe-se que é algo impossível querer medir a eternidade, pois se a eternidade é presente, como se viu anteriormente, nada pode passar, e logo, na eternidade há um presente contínuo sem que haja ou ocorra um antes e um depois. Tudo o que se percebe e se é conferido através dos nossos sentidos, não existem ocorrências na eternidade, onde o Divino se encontra contemplando todas as coisas num presente perpétuo. No entanto, querer medir a eternidade é querer submetê-la ao tempo, porém, jamais ela será temporal: “Bendito sejas tu, lahweh, Deus de Israel, nosso pai, desde sempre e para sempre!” (I Cr 29,11. p. 583).

2.5 ETERNIDADE E A CRIAÇÃO

Na visão agostiniana, o mundo surgiu no ato Criador e por isso, todas as coisas, presentes, passadas e futuras se encontram representadas nos conceitos (mente) divinos. Mas como podem as coisas (os seres) passarem da contingência até a existência do seu ser na realidade, como conceitos presentes na mente de Deus e sua realidade como entes de Deus?

Através da criação, Agostinho encontra essa pergunta. “A vontade de Deus não é uma criatura. Está antes de toda criatura, pois nada seria criado se antes não existisse a vontade do Criador” (AGOSTINHO, 2003, p. 319)

Deus é essencialmente bom, porquanto é o próprio Ser, e as criaturas são boas, porque participam do Ser. Ora, Deus não quis, doravante, em virtude da sua própria bondade também, que a sua boa obra ficasse no nada: (VAZ, 2009. p. 22). “Com a plenitude da vossa bondade subsistem as criaturas”. (AGOSTINHO, 2003, p. 377) Como a criação já existia como possibilidade de existir através da idéia em sua mente, concebeu Deus tão grande obra, a criação, tornando-a realidade. E tal idéia sendo feita realidade, também criou o tempo. “O mundo é como uma mulher grávida: traz em si a causa das coisas que virão à luz no futuro. Assim, todas as coisas foram criadas por Deus” (*ibid*, 1994, p. 9,1).

Sendo assim, Deus é a Causa Primeira e Universal de todas as coisas visíveis e invisíveis. A Causa Primeira não tem uma causa, sendo ela própria a causa de tudo o que

existe. Toda preocupação de Agostinho está ou refere-se ao fato de Deus ser Eterno e de como muitos entenderão a criação como obra que já tivera Deus planejado (em sua mente) como algo que teve início na eternidade. “No principio, Deus criou o céu e a terra”. (Gn 1,1. p. 33).

Tendo Deus criado o céu e a terra, na lógica tudo que foi criado anuncia em virtude do seu próprio ser, a sua criação, pois ser criado é ser feito, é ser tomado como parte da criação. Com efeito, está evidente pela experiência e pelo fato de todas as coisas da criação estão sujeitas a mudanças.

Na criação, Deus criou duas criaturas que estão fora do tempo: o céu e a terra. Uma dessas criaturas é tão perfeita que não deixa de contemplar a Deus. Mesmo sendo notável não passa por mudanças e ainda tem participação da eternidade e imutabilidade de Deus, (que é o céu). A outra nada se atreve a passar nem de uma forma a outra e vice-versa, (a terra), devido a sua invisibilidade e informidade. “Ora, a terra estava vazia e vaga” (Gn 1,2. p. 33).

Tanto o céu como a terra foram criados porque são sujeitos a vicissitudes^[3] e mudanças. Com isso, quer dizer que tudo que fora criado e o que parte desta criação teve princípio nesta, é temporal, ou seja, sujeito ao tempo, pois existe por causa de outra Causa incausada, que é impassível de mudanças. Também os homens, se têm existência, é porque houve uma criação, portanto, não tinham existência antes de existir para que fossem criados por um Criador que recebe o nome de Ser imutável, ou Deus. Assim, se pode dizer que existiu um “tempo” que nada tinha existência, com exceção de Deus que, como já se sabe, é incriado.

Há um abismo entre Criador (pois o seu Ser descansa sem ser sujeito a mudança na eternidade) e criação (pois estar sujeita a mudanças que acontecem no tempo). Usando ainda a palavra criar, Agostinho defende a tese da criação segundo o livro do Gênesis, que toda obra da criação foi tirada do nada.

Se o tempo existia é porque foi necessário um Ser que tivesse meios para criá-lo, ou seja, lhe desse a existência, alguém que precede que transcende todas as coisas, em hipótese alguma, jamais este Ser estaria ou poderia Ele estar no tempo. Por isso, Agostinho afirma que tanto o tempo como o espaço tiveram sua existência através da Palavra de Deus que se encontra fora do tempo: “Portanto, é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados. Vós os criastes pela palavra!”. (AGOSTINHO, 2000, p. 314-5). Neste caso, o nada, nada mais é que, desta forma, um fragmento da eternidade.

2.6 A CRIAÇÃO SUJEITA AO TEMPO

Após a confirmação de que o mundo de fato fora criado por um Ser Supremo, Deus, e que dentro da criação do mundo também se inclui o homem, que em seu interior sente-se chamado a ter um vínculo com o Criador, ainda sente necessidade ou curiosidade de questionar se existiria algum ser que esteja fora do tempo. Nos pressupostos de Agostinho, não, pois todos os seres (entes) foram criados ou receberam suas formas de seres submissos a temporalidade. E foi do ato da criação que surgira o movimento. Portanto, não existe ser que seja imóvel, que seja infinito, que tenha poder de ser todo simultâneo, pois, já que todos os seres são móveis, finitos e têm o seu tempo de serem e não podem ser em tudo ao mesmo tempo.

Para Agostinho, a resolução do problema da criação é algo que deve ser verdade de fé e de razão. “A criação das coisas se dá do nada (*ex nihilo*), ou seja, não da substância de Deus nem de algo que preexistisse” (ANTISERI, REALE, p. 45).

Agostinho se interessa pelo problema da criação, sobretudo, por causa das idéias de que a criação tinha tido a derivação do múltiplo, do Uno, do devir, do Demiurgo etc. Sobre a questão da criação, ele afirma que as coisas podem proceder de três modos, e estes modos de derivações não é algo sem fundamento na realidade das coisas existentes. Então, os modos de derivação das coisas são: “Por geração, por fabricação e por criação a partir do nada absoluto”. (REALE, 1990, p. 450).

A primeira vem da fabricação da própria substância que o gerou, é o caso do filho gerado pelo pai e pela mãe, tendo algo que parece com eles. A segunda provém de algo que é preexistente fora de quem fabrica; o homem que usa uma matéria para produzir um objeto ou alguma espécie de instrumento etc. e a terceira, com já foi dito, é a criação que provém do nada absoluto, não da própria substância de Deus, muito menos de uma substância fora de Deus, mas se dá através do poder criador de Deus. Na verdade, o Deus de Agostinho não é o Demiurgo platônico, ou seja, não é, pois, como um artesão humano que trabalha a partir de uma matéria preexistente que já lhe fora dada. Ao contrário, o Deus criador criou até mesmo a própria matéria. De modo que o ato criador engloba todas as coisas que são. De sorte que criar cabe apenas a Deus, pois só Ele é o Ser e, portanto, só Ele pode conceder o ser a todas as coisas que são:

Meu Deus, como fizeste o céu e a terra? Evidentemente não criaste o céu e a terra no céu e na terra, nem no ar ou na água, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criaste o universo no universo, pois, antes de o criares, não havia espaço onde ele pudesse existir. Nem tinhas à mão matéria alguma com que modelaste o céu e a terra. E para fazer alguma coisa, de onde terias tomado o que ainda não tinhas feito? Que criatura existe, senão porque tu existes? (AGOSTINHO, 2003, p. 315).

Tudo foi criado, inclusive o homem, como já se viu. Somente Deus é incriado. Mesmo tendo o conhecimento dos três tipos de criação que acima se comentou, se pode afirmar que só existem as criações por geração, graças à criação a partir do nada absoluto, pois a criação é dom de Deus dado ao homem (chamada de procriação ou fecundação) também a criação por fabricação é dom de Deus, dado no momento da criação do nada. “Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a’ (Gn 1, 28. p. 34).

Portanto, mesmo a criação sendo por geração ou por fabricação, não deixa de ser obra de Deus, porque é a capacidade que o próprio Deus concedeu ao homem para se tornarem participantes da sua criação.

1. O TEMPO É INTERIOR AO HOMEM

3.1 O TEMPO COMO CRIATURA TEMPORAL DE DEUS

O tempo é visto como criatura temporal de Deus, por estar intimamente ligado à alma do homem, ele não existe fora de nós, e por isso faz parte da sua interioridade.

O bispo de Hipona começa seu estudo sobre o tempo com uma expectativa fenomenológica desvelando o que se encontra coberto, dando importância a partir da dimensão pré-filosófica da vida cotidiana e orientando-se na intencionalidade do homem.

O conceito (em Agostinho) sobre o tempo será compreendido a partir do conceito de homem. Ele era considerado por alguns filósofos como o investigador do homem, não apenas pela grande importância dedicada ao estudo do homem, mas pelo perfil de uma profunda e cautelosa observação deixada por ele sobre a pessoa humana. É bom deixar sublinhado que a investigação sobre o homem ultrapassa este no movimento da sua própria

sucessão de estados ou de mudanças, guiando-lhe à transcendência. Sendo assim, fazendo uma analogia ao conceito de tempo, somos intimados também a olhar atentamente para o conceito de homem proposto por Agostinho.

Por isso, é de grande valor contemplar o conceito de homem proposto por ele. O doutor de Hipona, quando define o homem, faz questão de distingui-lo das outras criaturas pela racionalidade, ou seja, capacidade intelectual. Observando a vasta obra da criação, nela sobressai o homem que ocupa um lugar singular no plano de Deus.

O Filósofo de Hipona deixa claro que o ser humano é composto pela união da alma e do corpo. Segundo esta linha de pensamento agostiniana, o homem não pode ser estudado e nem compreendido na sua totalidade sem estas duas dimensões. Acentua-se assim um grande dualismo, corpo-espírito, criando desta forma, uma realidade renovada (nova), disfarçada pela terminologia de Platão. Quando disserta sobre o homem, o grande de Hipona não contempla a pessoa humana apenas na sua individualidade. Ele estuda o ser humano dentro de um contexto social. Contudo, os que atormentam através de divisões presentes no campo psicológico, fazendo exhibir-se um mundo bastante contraditório, o homem não deixa de ser, para Agostinho, um ser uno. Não é cabível uma humanidade sem que haja em mente que esse ser, em todas as suas variáveis formas de exterioridade e complexidade, apresenta-se apenas em um ser, favorecido de harmonia e sincronia. Por ser o homem, criatura cunhada à imagem e a semelhança de Deus, em ser harmônico, é uno. Mesmo com a receptividade (sujeito ao) do pecado, cuja consequência foi a corruptibilidade para todos os homens, é extinto em seus frutos mais paradoxais na graça de Deus.

No entanto, a divisão sobre o tema da alma comprovada segundo o modelo da Trindade (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo), tenta antes de tudo, deixar prevalecer a dinâmica do homem em lugar de determinar divisões não superáveis. No conjunto dinâmico das faculdades humanas, contrário à antropologia antiga, onde o domínio era o intelectualismo, a vontade põe-se acima da inteligência sendo alterada em profundidade a natureza da memória, em que se eleva uma ultrapassagem da reminiscência de Platão colocando-lhe numa dinamicidade viva, comunitária e cultural, firmando-lhe também a articulação entre a história e a eternidade. Enquanto a eternidade é atribuída a Deus, a história é dita como um privilégio do homem, ou seja, a história é algo humano, cuja fotografia é mostrada pelo Ser e pelo devir, que em cada momento realiza-se no ser, ou seja, que constantemente pode vir a ser. Porém, tal realização, muito mais que externa, é algo que está dentro, intimamente nas entranhas do Ser.

Sendo assim, pode-se dizer que estamos diante não só de um novo homem psicológico, mas também ético, e informatizado e tendo sua unificação através da dinamicidade do amor. Em Agostinho, a humanidade não deve ser mais que a alma que vivencia as coisas, sentimentaliza-as e causa uma delimitação no seu ser.

Fazer distinção entre a questão da humanidade e a questão de Deus, segundo Agostinho, não é coisa muito fácil, pois sendo a humanidade modelada à sua imagem e semelhança, então, para que o homem O conheça, deverá arriscar-se em procurá-lo de modo que O busque em sua profunda intimidade.

Na filosofia, Deus não pode ser encontrado exterior ao “homem”, mas no próprio homem, pois o criou Deus à sua imagem e semelhança, como já viu acima, para que sua comunhão seja completa.

Portanto, para o homem alcançar tanto a si próprio, quanto Aquele que é transcendente em relação a ele, Deus não muda o caminho, é sempre o mesmo (íntima interioridade). É no

caminho de busca da interioridade em que o próprio homem consegue descobrir-se, logo, é também pela interioridade profunda que o homem irrecusavelmente consegue encontrar-se com Deus.

É pela paradoxal vida interior que se dá o relacionamento entre Deus e o homem e vice-versa, assim não se pode excluir a existência nesta relação entre a criatura e o Criador, Criador e criatura.

É importante salientar, que antes de sua conversão, Agostinho era controvertido, via o mundo como algo emancipado por Deus, sendo seu fragmento; nessa matéria tinha concordado com Plotino, que afirmava que o mundo vinha de Deus através da emancipação sem que Ele soubesse. Mas depois de convertido ao cristianismo, voltou a reformular sua definição sobre o mundo, dizendo que o mundo fora criado por Deus mediante uma ação, que além de ser consciente era também livre. Segundo o seu pensamento, Deus criara o mundo a partir do nada, segundo as idéias arquitetas presente no Logos.

Finalmente, buscando o homem encontra-se com Deus, coloca-se em frente a sua criação. E quando o homem coloca-se em frente à criação, o mesmo se percebe como investigador sendo que ao mesmo tempo vê-se como ser não incriado. Nisso o homem entende que para compreender-se, também é necessário uma compreensão do mundo.

3.2 O TEMPO COMO ESSÊNCIA HUMANA

Para que haja uma compreensão do tempo como algo que é essencialmente humano, é necessário lembrar do conceito sobre o homem, demonstrado por Agostinho, nos seus estudos antropológicos, visto no subtema passado. Na visão sobre o tempo, percebe-se uma ligação íntima com a criatura na maneira com que o filho de Hipona as admira, tendo a criatura como limitada, finita e sujeita à corruptibilidade. Deste modo, o ser criado jamais seria possível ser na eternidade, mas somente no tempo, pois junto com ele foi criado. O homem existe porque teve um criador. Deus é criador, porque antes do homem ser ele já era. O homem foi criado, por isso é criatura finita e mutável. Logo, apenas os seres criados têm existência no tempo, porque vivem e participam das mudanças, dos movimentos e das variações que ocorrem no decorrer do tempo. “O tempo existe no espírito do homem”. (REALE, 1990, p. 454).

Uma vez, compreendendo que o tempo é essencialmente humano, algo que é vivido apenas pelo homem, se compreende que existem coisas criadas, por tal razão estão presentes apenas no tempo, porém, existem coisas que são mutáveis, mas não tiveram criação, mesmo assim, encontram-se presentes no tempo, e só podem ter saído da criação primária, no princípio estando contidas nela, porém, sendo sementes (*rationes seminalis*^[4]). Tendo em vista que a temporalidade faz parte da essência do homem, se deve entender que não existe nada de novo depois da criação.

Parece que Agostinho para entender a essência do tempo como algo humano, usou como ponto de partida o significado hebraico da palavra “*bara*” no sentido de criar do nada, de algo que não tem existência. Nada se criou por si, tudo que tem existência, como já se estudou, ou foi por criação direta do nada absoluto, ou por fabricação e/ou por criação de outra matéria já existente. Por isso, sendo o Criador do cosmo, também criador do tempo, ao passo que cria o homem sem estar Ele no tempo, pois se estivesse presente no tempo, na lógica o tempo no mundo também receberia o atributo de eterno, mesmo sendo passageiro, logo, como seria o tempo criado?

Portanto, a temporalidade mais uma vez, ao afirmá-la como própria do homem, é reservada apenas aos seres que são finitos, cujo ser não possui um ser pleno, ou seja, não

possui uma capacidade de ser todo ao mesmo tempo, é limitado na história. Após se entender a natureza da eternidade, se perceberá uma facilidade maior para se conceber que não pode a criatura, no presente tempo que se vive ser ela eterna, pois se o criado está sob a medida do tempo e não na eternidade, o que é existente, com exceção apenas de Deus, está sob a temporalidade.

O homem, tendo tendência a mudanças em suas imperfeições, passa por um devir contínuo. Limitado a um mundo que também é finito, o seu ser, então, não pode ser completamente simultâneo, pois ele necessita de uma sucessão e continuidade em sua existência.

1. TEMPO: A SEQÜENCIALIZAÇÃO DO SER

4.1 O SER DO TEMPO

“Ouvi dizer a um homem instruído que o tempo não é mais que o movimento do Sol, da Lua e dos astros”. (AGOSTINHO, 2000, p. 330). A frase acima com certeza deu-se no momento em que Agostinho se perguntava: o que é o tempo? É composto de passado, presente e futuro, ou será que é algo que se apresenta apenas na mente como ilusão psicológica?

Em resposta talvez à corrente dos pitagóricos (Platão, Aristóteles, Fílon...), Agostinho em sua investigação afirma:

Desejo saber a força e a natureza do tempo com o que medimos o movimento dos corpos e dizemos, por exemplo, que tal movimento é duas vezes mais longo no tempo do que outro qualquer (apud. p. 330).

Consumando sua investigação, Agostinho deseja conhecer o ser do tempo, porém percebe que não é o movimento dos astros, muito menos os movimentos dos corpos como afirmavam os pitagóricos. Em vista dos instruídos que afirmam tais coisas, Agostinho após um tempo de estudo, ainda não concorda com eles, mesmo não tendo segurança do que seja o ser do tempo.

É então que, a partir da idéia de movimento, cria indagações a respeito de como medir o tempo, tendo em vista os conceitos de longo e breve. Porém, observa que ele, o tempo, não pode ser medido pelo movimento, principalmente de corpos celestes como o sol e a lua, e pelo contrário, é o tempo que mede o movimento do corpo.

Ninguém me diga, portanto, que o tempo é movimento dos corpos celestes. Quando, com a oração de Josué, o sol parou a fim de ele concluir vitoriosamente o combate, o sol estava parado, mas o tempo caminhava. [...] “Vejo, portanto, que o tempo é certa distensão (apud. 2000, p. 331).

Para Agostinho, o tempo não é movimento dos corpos, mas os corpos que se movimentam no tempo. A medida da temporalidade para ele só é possível ser entendida como uma demonstração da percepção do corpo que se movimenta. Sendo o tempo considerado uma espécie de *distentio animi* (distensão da alma), que consiste em permitir, a coexistência (convivência) no presente, do passado e do futuro. De resto, é esta *distensão* que lhe dá precisamente uma *extensão*, que nos permite então medi-lo. O tempo é, pois, resumindo: “a extensão da própria alma” (apud. p. 334). Sendo que não medimos o tempo futuro porque ainda não existe, nem o presente, pois não tem extensão e nem o passado, que deixou de existir. A percepção não conseguirá compreender nem o princípio muito menos o término desta extensão, apenas parte dela será compreensível, mas pode-se dizer que a extensão do tempo não deixa de possuir uma pequena relação com a percepção do tempo, e no que passa, a passagem poderá passar do corpo ao movimento. Se detectar de onde parte e para onde vai o movimento, pode dizer-se que enquanto tempo, o corpo se movimenta de um espaço para o outro.

No entanto, a passagem de um corpo é contrária daquilo que medimos. Não sendo o movimento o tempo, pois o tempo é algo que o medimos no mesmo nível de longitude com que é o movimento, quando nela há durabilidade. A verdade dos fatos é que só se mede a durabilidade do tempo com a mesma medida que tiramos do mesmo tempo.

Com isto, pode se dizer que é inconcebível que não possa ser o tempo apenas sucessão de movimentos separados, mas algo que tem continuidade, e como algo também não divisível.

Para que possa ser investigado, o presente não pode ser dividido em antes e depois, mas pode ser considerado como uma junção contínua. Nisto a particularidade do presente de passar e de vir a ser, o torna distinto da eternidade. O tempo, como já viu, é o agora que passa (*nunc transiens*), já a eternidade, um presente não passageiro (*nunc stans*), algo permanente. “Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente” (apud, p. 320).

Para Agostinho é claro e evidente, como analisa Régis Jalivet, Que o cosmo é criação de Deus, pois sendo Deus radicalmente distinto do universo, que não tem e não pode ter em si mesmo sua razão suficiente, deve ser o criador deste universo (2001, p. 326).

Assim como o cosmo que não foi criado antes do tempo se deve aceitar que o tempo é também dotado das mesmas limitações que o mundo, e vice-versa. Com o passar das investigações percebe-se que o tempo é essência demonstrada da natureza finita, visto que sua duração de natureza finita não é capaz de ser tudo ao mesmo tempo.

Pois sendo fragmentado, o tempo parece indefinível, inapreensível, como se a condição de sua existência fosse paradoxalmente, deixar de existir. Esta existência parece uma perpétua fuga, um permanente desaparecimento. (RUST, 2008).

Por isso, o tempo tem necessidade de passar por graus de sucessão e continuidade para poder realizar-se por completo, ao passo que o mundo de fato teve sua origem como o tempo (no mesmo instante), e não na eternidade. Este fato foi ocorrido por causa da limitação totalmente colocada pela finitude da humanidade.

O filho de Hipona, nesta busca de explicações sobre o tempo, nos demonstra que o tempo é totalmente subjetivo ao homem. Por isso, afirma que nem o passado nem o futuro existem fora de nós.

Sendo assim, se pode concluir que o passado e o futuro não têm existência de algum modo? Em resposta, à luz agostiniana, se pode afirmar que se o passado não existe nem a história nem a previsão seria possível existirem, pois a história necessita de um passado para ser ou fazer-se de fato história e a previsão necessita de um futuro para ser esperança ou fato.

4.2 O SER DO PASSADO E DO FUTURO

Sendo o tempo detentor de durabilidade sem simultaneidade (que se realiza ao mesmo tempo), algo presente em nós seres humanos, como se poderá, enfim, afirmar o ser do passado e do futuro? Existem realmente, ou é apenas ilusão?

Ao ponto em que se encontra esta pesquisa sobre o tempo, é conveniente formular, segundo os princípios agostinianos, uma posição concreta sobre as indagações que se fazem a respeito do ser do passado e do futuro. E para chegar a uma verdade se partirá do seguinte princípio: se a história é baseada nos fatos passados, então existiu ou não o passado? E se o futuro já foi previsto por alguém, então o futuro existiu ou não? Em que se baseará para se concluir a existência ou não do passado e do futuro?

De início, como já se afirmou objetivamente, para nós nem o passado e muito menos o futuro tem existência, pois só podem ser encontrados na mente humana. Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais ao passarem pelos sentidos gravaram no espírito uma espécie de vestígios. (AGOSTINHO, 2000, p. 326)

Diante do conhecimento natural que se tem sobre o passado e futuro se sabe que estes são, e este conhecimento é-nos dado a partir da interioridade que temos. Então, em um dado momento, que é primário, se dá a entender que a temporalidade tem a sua existência em três estados. No entanto, os dados revelados pelo estudo filosófico confirmam que tanto o passado quanto o futuro, não são:

Sei com certeza que nós, a maior parte das vezes, premeditamos as nossas ações futuras, e essa premeditação é presente, ao passo que a ação premeditada ainda não existe, porque é futura. Quando empreendemos e começamos a realizar o que premeditamos, então essa ação existirá, porque já não é futura, mas presente. (apud. p. 326).

Devido a finitude dos seres não se pode vê o futuro, pois o futuro é algo que ainda não tem existência na realidade e quando existe não será mais futuro e sim presente. Quando pensamos o passado, também não o vemos tal qual aconteceu, mas apenas como um ser que se encontra em nossa memória.

Finalmente em relação ao existir tanto do passado como também do futuro, se pode concluir que não existem, a não ser como seres mentais (algo presente apenas na mente, memória ou lembrança), pois, o que passou não é mais, porque se ainda fosse não mais teria possibilidade de ser, ainda não é, pois se fosse, também seria considerado presente e não futuro. Portanto, com clareza de fato e veracidade, tem-se autoridade para afirmar que o passado e o futuro realmente não são assim, como Agostinho já falara.

4.3 O SER DO PRESENTE

Se for questionar radicalmente sobre o tempo, apenas o presente será salvo, porque para o mesmo ser considerado tempo (segundo o que já se analisou), tem-se que passar sempre para o passado. Mas nem sempre o presente é passado, porém essencialmente terá sempre uma tendência para o passado. “O motivo de ser do presente, sua existência é deixar de ser, ou seja, é transcórrer sem cessar, a fim de dar lugar ao novo presente”.

(GILSON, Etienne. 2003, p. 177). O presente apenas é considerado e, sobretudo, visto como tempo, devido sua tendência para o não ser. O presente então arrasta o futuro para o passado e criando assim, as três dimensões: passado, presente e futuro.

De acordo com o conhecimento que já se possui em relação ao tempo, só o que existe é o momento em que se está. O presente? Até certo ponto, se afirma que sim, pois tanto o que passou (o passado) quanto o que virá (o futuro), são considerados seres não reais. “Vejam, portanto, ó alma humana, se o tempo presente pode ser longo. Foi-te concedida a prerrogativa (privilégio) de perceberes e medires a sua duração” (AGOSTINHO, 2000, p. 323).

O tempo só é precisamente medível na alma do homem, a qual mediante a sua passagem registra os vestígios impresso por ele (o tempo). Se se conseguisse criar um espaço entre o tempo, que não tivesse condições de ser subdividido em mais partes por menores que fossem, só então, a esse chamaríamos de tempo, porque o teríamos possibilidades de o chamar de presente, mas como se percebe, este tempo passa tão rápido que não chega a ser visível a sua duração, pois se ele durasse, haveria uma divisão titulada de passado e de futuro.

Logo, nem o ano que está decorrendo pode ser todo presente. O ano compõe-se de doze meses; um mês qualquer é presente enquanto decorre; os outros são passados ou futuros. Nem se quer, porém, o mês que está decorrendo é presente, mas somente o dia. (apud. p. 324).

Pode-se afirmar com toda certeza que o ser do presente encontra-se reduzido somente dentro do espaço de um só dia, mas também é viável afirmar que nem mesmo a durabilidade de apenas um dia é totalmente o tempo presente, pois em si mesmo se percebe a não estrutura de distância.

Portanto, o ser do presente é algo que não tem uma longa extensão, mas é apenas o aqui e agora, o que existe somente nesse momento. O depois é futuro e o antes é passado, porém, somente em nossa memória. Aqui se encontra a razão pela qual muitas vezes se relembra algo que parece está sendo realizado no dado momento em que se encontra, mas, haja vista que isto nada mais é que fruto da lembrança de algo que já se viveu.

4.4 AS DIMENSÕES DO TEMPO

No subtema proposto, não se pode afirmar que tudo se perdeu, pois tal afirmação do passado ou do futuro é uma abordagem que coloca em riscos a própria existência do tempo. O tempo é ente (criatura) de razão, porém, tendo sua fundamentação na realidade, sendo suas dimensões fenomenológicas: o passado, o presente e o futuro. O passado torna-se impossível de conceituar, uma vez que este já não o é, assim como o futuro que ainda será, então apenas o presente é real, porque ele é, mas logo deixará de ser. Dessa maneira, estes três fatores são interligados e um puxa o outro dando a idéia do tempo. A probabilidade do passado e do futuro refere-se à natureza das coisas em que o ser do presente é tal qual, que não é possível ser para sempre presente. O presente deve ser transitório, pois se não passasse não existiria passado e se com sua passagem não se convertesse em algo novo não existiria o futuro. Portanto, aqui se encontra o que caracteriza o presente, o que possibilita sua passagem e o que dá possibilidade de poder vir a ser, tornando-o diferente da eternidade. “Quando narramos os acontecimentos passados, que são verdadeiros os tiramos da memória” (AGOSTINHO, 2000, p. 326).

O problema do tempo é estudado por Agostinho a partir do seu aspecto psicológico, o tempo tal como o conhecemos, é uma linha do tempo psíquico, e por isso mesmo é algo que não tem existência fora de nós, muito menos o passado e o futuro. Conclui-se, então, que o passado e o futuro não tem existência de algum modo? Externo à mente, não tem existência nem o passado nem o futuro. No entanto, conclui-se que tanto o passado quanto o futuro é apreendido unicamente pela atividade retentora da mente, mas somente como presente.

Por conseguinte, a minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é. Porém a sua imagem, quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória (apud. p. 326).

A causa da existência do presente é deixar de existir, é sempre uma tendência contínua ao não ser. O tempo em si mesmo sempre será algo enigmático por isso, o aspecto ontológico, não é uma preocupação para Agostinho, mas sim o psicológico, pois é por esse aspecto que ele busca entender de que maneira acontece o aprendizado do tempo. Nessa busca, Agostinho analisa os três tempos, não como sendo três, mas como sendo um só tempo, pois o avalia como um tempo contínuo, e sendo assim, classifica-os como um eterno presente do seguinte modo: Presente do presente; Presente do passado; Presente do futuro.

O presente dos fatos passados é a memória, o presente dos fatos presentes é a visão (percepção), o presente dos fatos futuros é a esperança (expectativa).

Sendo o tempo presente o deslocamento para o passado, o mesmo pode ser perceptível como sentido, mas quando está no passado jamais pode ser sentido. Nisso, se pode afirmar que apenas o presente tem existência, porém, o saber natural acha-se no direito e querer conceder posse tanto ao passado como também ao futuro.

O tempo tem sua existência apenas no espírito humano, pois o passado é uma recordação presente de coisas que já se passaram, e o futuro é a esperança de uma existência, apenas encontrada no homem. É na alma do homem que o passado e o futuro encontram o seu lugar total reservadamente.

4.5 A MEDIDA DO TEMPO

Santo Agostinho tenta entender como se dá a medição do tempo e se isso é realmente possível, pois por se encontrar o tempo na alma, se percebe que é somente nela que ele permite a sua impressão (como as recordações) durante a sua passagem, dando-lhe capacidade para ser medido. Observa ele:

Em ti, ó meu espírito, meço os tempos! Não queiras atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com os tumultos das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti, a sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a ele a enquanto é presente, e não aquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos. (AGOSTINHO, 2000, p. 336)

Desde o princípio, Deus criara tudo no mundo, ou seja, Deus concedeu ao mundo todas as disposições que virão a ser desenvolvidas e atualizadas em toda história do cosmo. Essa disposição no instante que ocorrera a criação são as razões seminais. Pois, o tempo é o sujeito de ser caracterizada a natureza finita, ou seja, a atividade do ser criado.

Como na semente de uma árvore estão presentes indivisivelmente todas as partes que, sucessivamente, se desenvolverão dela, do mesmo modo, desde o início os diversos corpos estão germinalmente presentes no mundo (MONDIM, 2008, p. 155).

Para Agostinho, o tempo (passado, presente e futuro) é apenas algo psíquico, algo perceptível através de uma sucessão que pode ser prolongada na extensão da consciência com aparência localizável e de adiantamento. É a marca de um antes e um depois, gravada na alma como *contuitus* (contemplação, visão, observação, percepção) e como *expectatio* (espera).

Em conclusão, dizemos que Agostinho deixa claro que o tempo é uma propriedade exclusiva do espírito através da recordação como chega a ser o caso do passado, através da percepção (atenção) como é o caso da atualidade e o futuro através de uma esperança da ocorrência de um vir a ser.

Portanto, o futuro não é um tempo longo, porque ele não existe: o futuro logo é apenas a longa expectativa do futuro. Nem é longo o tempo passado porque não existe, mas o pretérito longo outra coisa não é senão a longa lembrança do passado (AGOSTINHO, 2000, p. 337).

5 A ESSÊNCIA DO TEMPO

5.1 O QUE É O TEMPO?

Tornar salva a essência do tempo não significa uma definitiva resolução da questão, relacionada à compreensão do tempo, sendo o tempo como se analisou capaz de ser medido pela memória, o que de fato é o tempo?

Na linguagem simples, o tempo tem três dimensões que implicam em passado, presente e futuro. A essência do tempo, ou seja, o seu ser é um prolongado deixar de ser, uma tendência continua a não ser.

Se pudermos conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam, só a esse podemos chamar tempo presente. Mas esse voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro. Logo, o tempo presente não tem espaço. (AGOSTINHO, 2000, p. 324)

O ato de conceber o tempo sem ser artificial é trilhar uma estrutura fenomenológica, mas o ato de conceber filosoficamente não pode aceitar tal estruturação, Ferrater esclarece: Porque o tempo é um “foi” que já não é. É um “agora” que não é; o “agora” não se pode deter, pois se isso ocorresse não seria tempo. É um “será” que ainda não é. (FERRATER, 2001, p. 2836).

Portanto, para o presente ser tempo é necessário que passe do ser para o passado, pois se não houvesse passagem chegaria a ser eternidade. Fazendo a análise sobre o tempo o mesmo reconheceu que é muito difícil encontrar uma resposta sobre “o que é o tempo?” afirmando que é um dos conhecimentos que todos sabemos o que é, todavia, sabemos também que não é fácil explicá-lo.

”Se ninguém me perguntar eu sei; se o quiser explicar a quem me fez a pergunta, já não sei”. (AGOSTINHO, 2000, p. 322)

Encontrar resposta para o questionamento sobre ser do tempo, necessita voltar as análises já feitas em relação a sua medida. Pois, Agostinho, após deixar clara a descoberta da indagação a respeito da essência do tempo, da sua medição e suas dimensões, afirma: Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presentes das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas (memória), visão presente das coisas presentes (visão) e esperança presente das coisas futuras (espera). (apud. p. 328)

Para se compreender o ser do tempo é necessário se entender a sua medida, porque tempo só pode ser medível enquanto está em decorrência. “Por conseguinte, como dizia, medimos os tempos ao decorrerem” (apud. p. 328).

Mas, como pode ser medido o tempo presente se não há espaço? Porém, se já tiver passado, não é mais medível, pois deixou de ser e também, se for futuro não tem ainda existência, pois ainda não é. O fato é que o presente nasce naquilo que ainda não há existência (futuro), passando por aquilo que ainda necessita de uma extensão (presente), para chegar àquilo que já não tem existência (passado). “A insistência do presente, por onde passa o fluido dos instantes, advém do futuro e se perdem no passado”. (BONACCINI, 2004. p. 2)

Ainda em nossos questionamentos perguntamos: como é possível medirmos o tempo fora do espaço? Em um futuro de onde parte? Ou em um passado que se vai? Jamais se poderá medir o tempo no futuro, mesmo que deste se tenha vindo, pois o futuro é tempo que ainda não é; no presente o tempo também não poderá ser medível, pois o mesmo não tem nenhuma dimensão. Mesmo que o tempo fosse para o passado, também não poderia ser medível, pois o passado é tempo que não é mais. E então como podemos medir o tempo? É ele medido no cosmo ou no próprio homem?

Muitas teorias foram propostas no decorrer da história, uns chegaram a afirmar que o tempo há de ser medido pelo movimento dos astros. Para Aristóteles o tempo é a quantidade de movimento segundo um antes e um depois, ou seja, o tempo é para o filósofo clássico como a medida da duração dos movimentos dos corpos, porém, Agostinho discorda desta afirmação: “Se os astros parassem e continuasse a mover-se a roda do oleiro, deixaria de haver tempo para medirmos a sua volta?” (apud. p. 330).

Neste questionamento feito por Agostinho, o filósofo quer dizer que não importa o que digam sobre a medida do tempo, pois jamais será o tempo o movimento dos corpos celestes. Então o movimento dos corpos não poderiam ser os tempos, porque o movimento é que se dá sempre no tempo e não o contrário. Com isto, chegamos a conclusão de que para Agostinho o tempo é a:

Distensão dos movimentos (de ir e vir) da alma humana (*Distentio Animi*) e não um ente físico que se daria a partir do movimento de corpos externos (Sol, Lua), com um antes e um depois. Com esta definição – inseparabilidade entre tempo e alma – o filho de Hipona,

institui o tempo como sendo a forma do sentido interno, ligado ao nosso estado interior. (RIBEIRO, p. 3).

Agostinho, na sua extensa explicação no intuito de medir o tempo, mostra com grande evidência, que o tempo já tivera uma duração, sendo essencial para a compreensão sobre o mesmo.

Porém, onde se pode medir o tempo? O homem tem capacidade de medir os tempos, contudo não sabe bem o que de fato se está medindo. E se por acaso o homem não pudesse medir com seu espírito, como que mais poderia medir? As coisas no espaço são auto-medíveis, ou seja, elas próprias são as suas medidas. Por acaso, seria o tempo também sua própria medida? Com esta indagação se chega a um grande progresso: “Pelo que, pareceu-me que o tempo não é outra coisa senão distensão” (AGOSTINHO, 2000, p. 334).

O tempo não é uma distensão do espaço, mas uma extensão, uma ampliação das dimensões ou o seu volume. Se meço o tempo, não o meço verdadeiramente, mas apenas algo que dele ficou quando estava a passar. Se algo quero falar ao seu respeito, antes que falo o que irei falar é algo futuro, sendo pois incomensurável (que não pode ser medido). Após a pronúncia, não é mais medível, pois já se colocou. No entanto, no momento em que houve o pronunciamento era medível, pois em tal instante algo que existia era possível de medida. Sendo que neste momento não era inalterável, diminuía a sua intensidade e logo passava. Ao diminuir sua intensidade se estendia num espaço temporal que passou, e que não mais seria medível. Assim declarou Agostinho:

Com efeito, medimos o tempo, mas não o que ainda não existe, nem o que já existe, nem o que não tem extensão, nem o que não tem limites. Em outras palavras, não medimos o futuro, nem o passado, nem o presente, nem o tempo que esta passando. E, no entanto medimos o tempo. (apud. p. 334)

O que medimos, assim, não é o tempo passado nem o tempo futuro em si mesmos, porquanto eles não existem, mas sim, a memória e a esperança dos mesmos em nossa consciência, por meio do nosso espírito.

Em ti, ó meu espírito, meço os tempos! Não queiras atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com o tumulto das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não àquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço o tempo. Portanto, ou esta impressa é os tempos ou eu não meço os tempos. (apud. p. 336)

Quando o tempo é medido, apenas pode ser medido através de sua própria corrida, quando dá-se a sua passagem (movimento). O tempo é, pois, uma extensão (dilatação) do espírito, porque tanto posso tornar longa como também posso diminuir a durabilidade das palavras que são pronunciadas num poema ou num verso. A extensão do tempo é a mesma extensão do espírito que prolonga o tempo:

Se alguém quiser soltar uma palavra um pouco mais longa e regulasse com o pensamento a sua duração, esse delimitaria o espaço de tempo em silêncio. Confiando-a à memória, começaria a produzir aquela palavra que soa, até atingir o limite proposto.(apud. p. 336).

Portanto, o tempo é produzido pelo nosso espírito. A partir do momento que memorizamos isto é algo passado, se nele prestamos atenção é algo atual, e se temos esperança em algo que há de vir, este é futuro.

5.2 O TEMPO E O ESPÍRITO

Quando Agostinho buscava teses para explicar e possuir a sua defesa sobre a extensão e a passagem do tempo, preferia ele, tomar como ponto de partida, a experiência da mediação do tempo. No interior, ou seja, na inteligência do homem Agostinho nos apresenta três coisas: A expectativa (a probabilidade); A explicação da mente sobre alguma coisa (atenção ou exame atento); E a faculdade de reter as idéias (a memória).

Tudo o que o homem espera tem sua passagem por meio da posse do exame atento para a posse da memória. É a alma que desloca seu foco de atenção nas dimensões do atual, do pretérito e do ainda por vir. É um ato presente de atenção que faz passar o que era futuro ao estado de tempo passado.

Só assim, se tem uma boa e grande explicação sobre a durabilidade do tempo, pois um futuro longo é a longanimidade de sua expectativa do futuro. O futuro tão longínquo, pois não existe concretamente, mas a expectativa deste futuro e que seja, e pode até ser que seja longa apenas na alma do homem. O tempo passado também não é possível de que haja longitude, porque já não mais é. O que existe é extensão recordada daquilo que passou.

No que toca o presente, cujo ser necessita de um intervalo de tempo, porém não podendo ser longo, pois não há extensão, mas a explicação cuidadosa da mente (a atenção) se estende e através dela continua a retirar-se o que era presente.

Vou recitar um hino que aprendi de cor. Antes de principiar, a minha expectativa estende-se a todo ele. Porém, logo que o começar da minha memória dilata-se, colhendo tudo o que passa de expectativa para o pretérito. A vida deste meu ato divide-se em memória, por causa do que já recitei, e em expectativa, por causa do que hei de recitar. A minha atenção está presente e por ela passa o que era futuro para se tornar pretérito (apud. p. 337).

Portanto, se pode então em meio a tantas indagações, dizer que a vida do homem é uma extensão. Sendo assim, é possível ao homem medir o tempo, sabendo o que de fato se está fazendo.

6 CONCLUSÃO

O tempo está presente em todas as experiências de vida, e nesta experiência há em uma suposta base de que o tempo é dividido em três dimensões: presente, passado e futuro. É um ruído que não cessa de passar para frente.

No nível psíquico, a vivência consciente de tempo parece encontrar-se verdadeiramente fixado em limites. Conside-se que os acontecimentos do mundo estão passando e não apenas existem. Mesmo assim, passam de modo ordenado. Um instante guia a outro ao seu modo de ordenar.

Ao se refletir a respeito do tempo, viram-se as suas dimensões totalmente diferentes: passado, presente e futuro. Quase chega a ser sem importância por ser tão simples. Mas em muitas ocasiões chega a provocar confusões.

Agostinho trilhou em sua exposição um roteiro empolgante. Portanto, a constatação de que o tempo foi visto de forma fenomenológica,^[5] não foi possível que a filosofia o aceitasse preferiu estruturar as suas idéias sobre o tema o tempo, tendo como principal ponto de partida o ser do tempo, só assim conseguiu chegar a sua natureza.

O tempo não é o conceito de eternidade, pois é um atributo pertencente a Deus. A origem do tempo deu-se no momento da criação. Se se voltássemos a argüir o que fazia Deus “antes” de criar o mundo, tornar-se-ia enfim claro, que antes da criação do mundo, em virtude de ainda não existir a consciência humana, não existia, tampouco, nem o “antes” e nem o “depois”, que só passaram a existir, de fato, com a criação do tempo e enquanto este começara a ser apreendido pela mesma consciência humana. Portanto, o ser do tempo foi e será encontrado apenas no interior do homem e este não conseguirá, pois, apreender jamais as coisas, senão de maneira fragmentada.

Nunca haverá para ele, apreensão única, na qual, num presente uno e permanente, todas as coisas que se lhe rodeiam – as que já não são e as que ainda não são – lhe estejam presentes, numa unidade permanente e indivisível.

O fato é: que as relações entre eternidade e temporalidade, inclusive como esta procede daquela e é por ela governada, tocam o mistério, esbarram no inexprimível, e, conquanto nos estimulem sempre o pensamento, nunca poderão ser expressas exhaustivamente:

Quem poderá prender o coração do homem, pra que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo ele nem passado nem futuro? Poderá por ventura, a minha que escreve explicar isto? Poderá a atividade de minha língua conseguir pela palavra realizar em presa tão grandiosa? (AGOSTINHO, 2000, p. 320)

Finalmente, conclui-se que existe um processo na área da faculdade de reter idéias do futuro e do passado que são intuídos pelo agora do espírito. A memória é a protetora ou conservadora daquilo que não é mais, enquanto que a esperança é a antecipação do que ainda não é. O tempo, portanto, é uma marca carimbada, deixada na alma do homem, após ter passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO, *Confissões*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 2000.
- _____. *A Trindade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3. impr. São Paulo: Paulus, 2004.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BONACCINI, Juan Adolfo: Excurso sobre a concepção agostiniana de tempo. Disponível em: <http://criticanarede.com/html/hist_agostdeus.html>. Acesso em 25 ago. 2010.
- Dicionário de Português online. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=conting%C3%Aancia>. Acesso em 10 jul. 2010.
- FERRATER, José Moura. *Dicionário de Filosofia*. Tomo IV (Q – Z). São Paulo: Loyola, 2001.
- GUEDES, Wagner. O tempo de Agostinho de Hipona – Ano 20 jun.2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/7163/1/Uma-Leitura-Analitica-Sobre-O-Tempo-No-Livro-XI-Da-Obra-Confissoes-De-Santo-Agostinho/pagina1.html>>. Acesso em: 14 ago.
- JAVILET, Régis. *Curso de Filosofia*. Tradução: Eduardo Prado de Mendonça. 2. ed./ 2 impressão. Rio de Janeiro, Agir: 2001.
- MARIA, Suely. Revista do Instituto de filosofia e Teologia de Goiás – IFITEG. *Fragmentos da cultura, Goiânia*. V.2-(n 6). Julho, 1993.
- MONDIM, Batista. *Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente* v1. 15. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. *O Homem quem é ele?*. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*, v. 1. 5. ed. São Paulo: Paulus: 1990.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*, v. 2: patrística e escolástica. São Paulo: Paulus, 2003.
- RIBEIRO, Martha. *O Tempo como tema e problema: Um estudos do livro XI das Confissões de Santo Agostinho, na interpretação de Paul Ricoeur*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/t00008.htm>>. Acesso em 20 jul. 2010.
- RUST, Lnadro Duarte
- VAZ, Aline. A visão de Santo Agostinho sobre o tempo – Ano 2009. Disponível em: <http://www.filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Agostinho_Tempo.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- [1] Que ocorre ou é feito ao mesmo tempo que outra coisa. (Dicionário de português Online. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=conting%C3%Aancia>>).
- [2] Contingência s. f. 1. Qualidade de contingente. 2. Fato possível, mas incerto. 3. Possibilidade. (Dicionário de português online.<<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=conting%C3%Aancia>>).
- [3] Vicissitude s. f. 1. Mudança ou diversidade de coisas que se sucedem. 2. Alternativa, variação. 3. Revés. 4. Eventualidade, acaso. (Dicionário de português online. Disponível em: <[\[3\] Vicissitude s. f. 1. Mudança ou diversidade de coisas que se sucedem. 2. Alternativa, variação. 3. Revés. 4. Eventualidade, acaso. \(Dicionário de português online. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=conting%C3%Aancia>>\).](http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=conting%C3%Aancia)>).
- [4] Razões seminais – partes da razão divina que dão origem às coisas, segundo os estoícos, assim como todo ser vivo é produzido por uma semente, todas as coisas são

produzidas por uma partícula da razão divina, que por isso é uma semente racional.
(ABBAGNANO, 2007, p. 935).

[5] Fenomenologia – tudo quanto é percebido pelos sentidos ou pela consciência.
(ABBAGNANO, 2007, p. 511-2).